

A RELAÇÃO PARENTAL E A SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS ENTRE 4 E 10 ANOS PRATICANTES DE FUTSAL

Adroaldo Ricardo de Souza

Especialista em Futebol e Futsal, Unyleya, Brasília (DF), Brasil

Bruna Louise de Godoy Macedo de Souza

Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental, Unyleya, Brasília (DF), Brasil

Danilo Nunes

Doutorando em Administração, PUC, São Paulo (SP), Brasil

Resumo: O futebol/futsal é o esporte mais praticado em terras brasileiras e, no senso comum, tem-se o hábito de afirmar que toda criança já nasce sabendo jogar bola. Com isso, os pais e responsáveis procuram as escolinhas de esportes e os clubes, cada vez mais cedo, para que seus filhos comecem a vossa iniciação esportiva. Com o foco da pesquisa em crianças com idade da faixa etária entre 4 (quatro) e 10 (dez) anos (uma fase onde a satisfação pelas atividades propostas é o que os atraem), o objetivo da presente pesquisa foi verificar os motivos que levam esses pais a buscar o esporte tão cedo para seus filhos, a forma como agem, se uma suposta cobrança gera ansiedade nas crianças e se essa postura pode influenciar no desenvolvimento das crianças dentro do esporte.

Palavras-chave: Iniciação esportiva. Futebol. Psicologia do esporte.

Abstract: Football / futsal is the most practiced sport in Brazilian lands and, in common sense, we have the habit of saying that every child is born knowing how to play ball. With this, parents and guardians look for sports schools and clubs, earlier and earlier, so that their children start your sports initiation. With the focus of research on children aged between 4 (four) and 10 (ten) years (a phase where satisfaction with the proposed activities is what attracts them), the objective of the present research was to verify the reasons that lead these parents to seek sports at an early age for their children, the way they act, whether a supposed charge generates anxiety in children and whether this posture can influence children's development within sports.

Keywords: Sports initiation. Soccer. Sport psychology.

INTRODUÇÃO

Brasil é considerado o país do futebol e inspira tanto crianças e adolescentes quanto pais e mães, para uma carreira de sucesso, iniciando a prática no esporte no início da infância.

Enquanto as crianças veem a prática esportiva como uma brincadeira, mesmo com as regras e disciplina das aulas e campeonatos, alguns pais e mães enxergam o mesmo como uma possibilidade de atuação profissional, criando assim uma divergência entre desejos e finalidades: as crianças querem brincar através do esporte; já os pais “exigem” responsabilidades e metas a serem alcançadas dentro da iniciação esportiva nessa faixa etária. E muitas vezes as crianças respondem a tais com comportamentos agressivos para si e para com os outros (pares e pais), baixa autoestima e cobrança excessiva.

Com essa inquietação exposta acima, pois é uma temática que tem se tornado recorrente nas escolinhas de iniciação esportiva voltadas ao futebol / futsal e até mesmo nas escolas que utilizam os esportes supracitados na sua grade curricular ou extracurricular, foi escolhido o tema para esse artigo no intuito de auxiliar profissionais das áreas esportivas e educacional nessa questão tão pertinente nos dias atuais.

Diante de tais afirmações, a presente pesquisa tem por objetivo analisar se existe influência parental no desempenho desportivo, em aulas e campeonatos, nas crianças, a fim de verificar se tal comportamento influencia em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico.

INICIAÇÃO ESPORTIVA E A INFLUÊNCIA PARENTAL

Com o forte apelo comercial associado ao futebol na contemporaneidade e exigência de altas performances, a inserção na prática esportiva tem se iniciado cada vez mais cedo, muitas vezes a partir dos quatro anos de idade (CAVICHIOILLI, *et al*, 2011; MILISTED, *et al*, 2014).

De acordo com Milisted (*et al*, 2014), a inserção cada vez mais precoce associada ao longo tempo de dedicação pode acarretar consequências ao atleta infantil, relatando que, ao passo em que sentem prazer ao provar do sucesso

quando apresentam bom desempenho, podem se prejudicar caso não estejam preparados para suportar a alta carga, acarretando em danos físicos e psicológicos, além de sofrerem pressões de pais e professores, o que pode levar ao abandono da carreira.

Sendo assim, o suporte familiar é de suma importância para o desempenho do atleta no esporte, seja para a construção de uma carreira, seja para a prática do mesmo com a finalidade de recreação e como suporte parental entendem-se as atitudes, comportamentos e crenças de pais ou familiares frente à prática do esporte da criança e do adolescente, oferecendo a estes, suporte e autonomia, na medida em que favoreçam os desejos e necessidades destes de modo afetivo. (VISSOCI, *et al*, 2013).

Assim, um ambiente favorável torna-se essencial ao desenvolvimento do atleta e da criança, visto que o apoio, segurança, incentivo, motivação e amor vêm, primeiramente, da família (HELLSTEDT, 1995 *apud* VISSOCI, *et al*, 2013)

Por outro lado, se essa atuação dos pais vier de forma negativa (nos moldes de cobrança, gritos rípidos, discussões de um modo geral) pode acarretar desinteresse pela atividade esportiva na criança por diversos motivos: vergonha, ausência de estrutura mental para suportar tal situação, entre outros.

Sobre o parágrafo supracitado, Vissoci *et al*, (2013) diz

No entanto, a família também pode influenciar de forma negativa o desenvolvimento esportivo do atleta. Para Grolnick (2003), ambientes de criação controladores ou superprotetores podem atrapalhar o desenvolvimento da criança com determinadas atividades. Evidências sugerem que esses ambientes têm proporcionado motivações extrínsecas e pouco envolvimento (Cleveland *et al.*, 2007). Pais considerados superprotetores podem prejudicar o desenvolvimento do indivíduo, impedindo a formação do senso de autonomia e diferenciação, além de atuarem como agentes estressores (BOIS *et al.*, 2009). Por sua vez, pais omissos e desinteressados podem auxiliar no desenvolvimento da percepção de competência negativa por parte do atleta (LATORRE, 2001)

O estímulo à iniciação esportiva é, na maioria das vezes, dos pais. Podem, em raras situações, ocorrer um comentário ou pedido de um familiar ou do professor da escola regular que identifica uma predisposição nata na criança, porém a decisão e empenho para tal é sempre dos pais.

Cavichioli et al (1999) conta que neste processo decisório e de aprendizagem dos pais e familiares, nota-se que o imaginário social é complexo e multifacetado. Porém, com uma concepção bem definida, há sempre alguém que vê no talento o caminho mais rápido para criança (e quiçá da família e seus agregados) ter sucesso profissional e pessoal.

A psicologia do esporte, e também a psicologia infantil, tem na ansiedade um dos fatores que merece mais atenção quando se trata de iniciação esportiva na infância. A ansiedade pode causar diversos sentimentos no indivíduo e cada um reage de uma forma.

Na visão de Viscott (1982), ansiedade é o medo de perder alguma coisa, podendo esse ser real ou imaginário, e que sua intensidade dependerá da severidade da ameaça ou da importância da perda para a pessoa. Para Grunspun (1996), sofremos desde o nascimento, de certo grau de ansiedade inevitável que nos dará suporte para conviver com a ansiedade comum do dia-a-dia.

Esportivamente, a ansiedade, se não controlada, pode influenciar negativamente no rendimento dos envolvidos. Na criança, pode causar traumas e, muitas vezes, ocasionar o desinteresse pela atividade, deixando marcas negativas na sua formação como pessoa.

Os indivíduos que enfrentam tensões diárias, crônicas, amor ou guerra, podem ter um aumento geral nos seus níveis de ansiedade, tornando-se mais vulneráveis a um futuro problema causado pela tensão (DAMÁZIO, 1997).

Somente no mundo do desporto podemos encontrar uma performance individual que é examinada por inúmeras pessoas. O resultado dos atletas é sempre julgado e avaliado por milhares de pessoas nos locais de competição, por mais milhares que assistem na televisão ou ouvem pelo rádio. Com tantos recursos disponíveis atualmente, as performances podem ser repetidas, descritas, analisadas e criticadas

pelos órgãos de imprensa, estabelecendo pressão ainda maior sobre estes atletas. (FRISCHNECHT, 1990)

É imprescindível que o treinador/técnico, além de suas capacidades técnicas, tenha conhecimento e proficiência para lidar com essas situações que podem ocorrer com a criança. Nessa faixa etária, a ansiedade está muito mais ligada aos fatores parentais do que do medo de decepcionar a ela mesma.

Viana (1989) comenta que os pais podem ter uma influência importante na qualidade das experiências competitivas de seus filhos, no desenvolvimento do seu autoconceito e do controle emocional. Por outro lado, podem pressionar os mesmos demasiadamente ao definirem seu prestígio e autoimagem de adultos, em função dos êxitos e fracassos dos seus jovens atletas.

Diante desse cenário, e visto que pouquíssimos (ou quase nenhum) clube (e/ou escolinha) de iniciação esportiva possui em seu quadro de funcionários um psicólogo do esporte, se faz necessário o profundo conhecimento e habilidade do treinador em “dosar” esse ímpeto dos pais em relação ao desempenho e desenvolvimento de seu filho.

Esses pais, assim como os filhos, também são “marinheiros de primeira viagem” e, dependendo do seu nível de desenvolvimento emocional, podem afetar, mesmo sem querer, o desempenho positivo da criança. O papel do treinador, nesse caso, é o de informar e fazer com que esses pais reflitam sua postura, deixando claro o objetivo da iniciação esportiva e os motivos desta para a criança.

Para Damázio (1997), muitos são os casos de jovens atletas que mesmo em fase inicial de aprendizagem, ainda que apresentem um crescimento acelerado, são incluídos entre os que estão a disputar um campeonato de alto nível, sem que, efetivamente, atingiram uma fase maturacional ideal para tanto; e muitas vezes nem mesmo atingiram um nível adequado de aprendizado da modalidade para comporem quadros competitivos.

Além disso, a expectativa dos pais, a pressão dos clubes, dos treinadores e até mesmo do próprio sistema competitivo podem conduzir alguns atletas ao abandono precoce da atividade esportiva. (Barros; De Rose, 2006).

O fato é que cada pai ou responsável coloca o filho no esporte por um motivo e nem sempre esse motivo é simplesmente pelo esporte: a prática do esporte por saúde e bem-estar, por motivo de indicação médica (clínico), por vislumbrar uma possível futura carreira de sucesso, entre outros. Esse é uma das grandes dificuldades do trabalho de iniciação, pois, geralmente, todas essas crianças, mesmo com objetivos opostos, treinam e jogam campeonatos juntos, na mesma turma.

Ainda nessa temática, muitos pais “migram de motivo” ao iniciar seus filhos no esporte. O que seria, por exemplo, apenas por indicação clínica, pode passar a ser levado com maior seriedade a partir do momento em que a criança começa a fase de competições. Desde que essa mudança de motivo (expectativa) seja sadia e não interfira no tratamento e na relação parental entre ambos, geralmente será bem absorvida pela criança.

Para alguns dos pais, a predileção pelo futebol acaba misturando-se à emoção de ver o filho em quadra. Assim, a iniciação esportiva do garoto passa a ser uma diversão familiar, pois o futebol é dinâmico/visível, aflorando sentimentos que dificilmente apareceriam nos cursos de informática ou inglês. Além disso, aventa-se a possibilidade de ampliar o leque social e propiciar ao garoto mais uma oportunidade que tem suas especificidades, tais como a possibilidade no futuro de ganhos astronômicos. (CAVICHIOILLI, *et al*, 2011)

MÉTODOS

Foi realizada pesquisa envolvendo responsáveis por crianças de 04 até 10 anos, matriculadas em escolas de futsal da Baixada Santista, no estado de São Paulo, tendo como condição básica participarem dos níveis atendidos pela faixa etária acima. Foram distribuídos questionários, atendendo a uma população de 122 responsáveis pelos alunos. Obedecidos aos critérios acima discriminados, bem como, à totalidade de respostas e informações solicitadas,

considerou-se 115 respondentes, o que representa cerca de 94% do público alvo.

Os respondentes, assim, atendem às diretrizes estipuladas para este artigo e a escolha da instituição foi por acessibilidade dos pesquisadores. O questionário foi aplicado com a supervisão direta dos autores, contendo dez questões objetivas. Como orientação de pesquisa, relatou-se:

Este questionário destina-se ao estudo dos indicadores dos principais motivos que levam os pais a buscarem o futsal tão cedo para os seus filhos, a forma como agem, a ansiedade das crianças em administrar possíveis posturas de cobrança dos pais na percepção destes, e se essa postura pode influenciar no desenvolvimento humano e motor das crianças.

Os dados apurados e tabelados serão utilizados nesta pesquisa, respeitada a anonimidade das respondentes.

As respostas obedeceram à escala de valor 01 quando o perguntado representava pouca relevância e, assim, gradativamente, até o valor 05 quando havia uma forte relevância.

Esta pesquisa se classifica como exploratória, com o objetivo de dar mais compreensão ao fenômeno previsto nos objetivos de determinar a percepção dos responsáveis por crianças matriculadas em escola de futsal e pela abordagem descritiva, que tem como propósito verificar a ocorrência de um fenômeno na população pesquisada.

Quanto à forma de abordagem do problema, esta pesquisa classifica-se como quantitativa, pois este método é indicado nos casos em que é necessário conhecer a extensão do objeto estudado, identificando o nível de conhecimento e opiniões em relação ao problema (Gonçalves e Meirelles, 2004).

A partir da análise da literatura, dos objetivos e problemas levantados, definiu-se pela utilização de questionário como instrumento de coleta de dados e os dados foram tabulados utilizando-se o software MiniTab para construção das informações que sustentam a análise dos dados.

RESULTADOS

Para conhecermos o perfil do público pesquisado, perguntou-se a faixa etária e 05 (4%) têm até 24 anos; 20 (17%) estão na faixa de 25 a 30 anos e 90 (79%) têm acima de 30 anos, faixa predominante.

Outro perfil pesquisado foi o estado civil, sendo que 78 (68%) responderam serem casados, 22 (19%) solteiros, 14 (12%) com união estável e apenas 1 (1%) com outra situação que não sejam as elencadas.

Perguntou-se, também, o sexo e 49 (43%) respondentes são do sexo masculino e 66 (57%) do sexo feminino.

Quanto à empregabilidade, 13 (11%) trabalham em empresas privadas, 45 (39%) em empresas públicas, 44 (39%) são autônomas, e 13 (11%) estão atualmente desempregadas.

O perfil do público, em sua maioria, é de mulheres como responsáveis pelos filhos nas escolas de futsal, casadas, com mais de 30 anos e autônomas.

Na tabela 01 demonstrar-se-á os resultados obtidos nas questões pesquisadas:

Tabela 01: Média, Mediana e Desvio Padrão das questões

Questões	N	Média	D.Pad.	Mediana
Q1: Você considera os estudos de uma criança mais importante que a prática esportiva como condutora para uma profissão?	115	4,157	1,169	5
Q2: Você gostaria que seu filho(a) ou alguma criança da família fosse jogador(a) de futebol?	115	4,348	1,013	5
Q3: Os pais quando inserem uma criança na prática do futsal o veem como perspectiva profissional?	115	3,087	1,322	3
Q4: Se tivesse que escolher, você priorizaria a prática de esportes ao invés das brincadeiras comuns à idade infantil?	115	3,53	1,308	4
Q5: As crianças quando praticam futsal o veem como perspectiva profissional?	115	3,922	1,259	4
Q6: Você entende que os pais, de uma forma geral, exercem uma cobrança mais efetiva sobre seus filhos quando da perspectiva do esporte como condutor de uma profissão?	115	3,687	1,152	4
Q7: Essa cobrança gera ansiedade nas crianças e pode afetar o comportamento das mesmas?	115	4,104	1,247	5
Q8: A cobrança dos pais sobre a prática do esporte pode comprometer o desenvolvimento emocional e intelectual das crianças?	115	3,843	1,368	4
Q9: Você entende que os pais têm competência para identificar e atuar se surgirem problemas de ordem emocional quando da pressão sobre as crianças dentro do esporte?	115	3,965	1,118	4
Q10: Qual a relevância do papel da escola/professor para atuar sobre os possíveis excessos dos pais na obrigação da prática de esporte como direcionamento profissional?	115	3,904	1,013	4

Fonte: elaborado pelos autores

Com base nos dados apurados, podemos inferir, em uma primeira leitura o desejo de ter um futuro jogador(a) de futebol em sua família, haja vista a questão número 2 – você gostaria que seu filho(a) ou alguma criança da família fosse jogador(a) de futebol? – ter a maior média e a mediana e o menor desvio padrão dentre todas as questões abordadas.

Ao mesmo tempo constata-se a preocupação também com os estudos visando um condutor para uma profissão. A questão 01, que trata desse assunto, obteve a segunda maior média 4,157 com mediana 5,0.

Ressalta-se que não há praticamente diferença quando analisada em separado as respostas dos sexos masculino e feminino, respectivamente com as médias para as questões 01 e 02: 4,18 e 4,34 contra 4,13 e os mesmos 4,34.

Com a questão 3, percebe-se que talvez haja o entendimento de que o futsal e, conseqüentemente o futebol, como profissão, ainda é restrito a uma parcela muito pequena da população.

Outro resultado que deve ser levado em consideração é o fato de, na questão 04 (Se tivesse que escolher, você priorizaria a prática de esportes ao invés das brincadeiras comuns à idade infantil?), obtermos uma média de 3,53 com mediana de 4. Porém, a variação das médias é discrepante no que tange os respondentes masculinos (3,408) e femininos (4,303).

Observando e analisando os resultados obtidos na questão 5 (As crianças quando praticam o futsal o veem como perspectiva profissional?) percebe-se que nela foi alcançada uma média de 3,922. Isso mostra, principalmente, como a grande potência midiática influencia essas crianças a verem o futsal (futebol) como atividade profissional para o seu futuro. Um dado interessante na análise dessa questão é que fica evidente uma grande diferença na média quando separamos os respondentes do sexo masculino (3,408) dos respondentes do sexo feminino (4,303).

A cobrança dos pais na busca do melhor desempenho para as crianças praticantes do futsal, visando um futuro como profissional da modalidade, foi abordada na questão 6. A pergunta foi elaborada de forma generalizada (não

diretamente sobre a conduta do pai respondente) e, com isso, foi obtida uma média de 3,687, com mediana 4.

Porém, nas duas questões seguintes (7 e 8), as perguntas são relacionadas diretamente com a anterior e versavam se a possível cobrança excessiva dos pais e/ou responsáveis pode afetar o comportamento das crianças e gerar ansiedade nos pequenos, como interferir no desenvolvimento emocional e comportamental destas. E os resultados foram elevados, tanto de média como de mediana (4,104 e 5, e 3,84 e 4, respectivamente), deixando clara a influência direta das atitudes dos pais, afetando diretamente no comportamento das crianças, no geral, segundo os respondentes.

Em ambas as questões houve diferença quanto ao gênero, sendo obtidos para a questão 7, nos sexos feminino e masculino, 4,34 e 3,77 respectivamente. Na questão 8, para o sexo feminino temos 4,01, e para o sexo masculino 3,61.

Os respondentes também foram questionados sobre a influência de terceiros em possíveis comportamentos apresentados, sendo inicialmente questionados sobre o papel dos pais como apoio emocional das crianças (questão 9), tendo como média 3,965 e média 4, e na sequência (questão 10), o papel da escola sobre o comportamento excessivo dos pais, com 3,904 de média e 4 e mediana.

Nestas também observamos diferenças quando analisamos sexo feminino e sexo masculino: 4,07 e 3,81 na questão 9, e 4,04 e 3,74 na questão 10, respectivamente.

DISCUSSÃO

O brasileiro já nasce sabendo jogar futebol? Obviamente não é uma regra, mas é certo que desde a mais tenra infância já se é ofertada uma bola à criança chutar, assim como se é incentivado a torcer para um determinado time, além da grande exposição midiática.

Desta forma, o esporte com bola está inserido amplamente na sociedade, independentemente da situação e/ou condição financeira.

O futsal é, atualmente, um dos esportes mais praticados em todo o mundo e para crianças tem ampla indicação, havendo maior aproveitamento e efetividade do aprendizado. Tal característica fomenta a procura pelos pais da iniciação esportiva através do futsal, para que haja migração posterior para o futebol, visto o grande apelo midiático deste último.

Este cenário pode ser percebido ao analisarmos as questões 2, 5 e 6 em que há a percepção e/ou desejo da prática esportiva com finalidade profissional. Interessante notar na questão 3, quando se pergunta diretamente sobre a intenção da procura pelo futsal, há um “meio termo”, não corroborando os dados anteriores.

Indaga-se se tal diferença se deve pela formulação objetiva da questão 3 e subjetiva das questões 2, 5 e 6, não sendo este o foco do presente estudo.

Quando questionados se outros meios são mais importantes que a prática esportiva, como na questão 1, que compara o esporte com o estudo, e na 4, que compara com brincadeiras da idade, obteve-se resultados diferentes.

Para os responsáveis respondentes, o estudo é mais importante. Entretanto, priorizam a prática esportiva às brincadeiras da idade.

Isso revela um possível desconhecimento dos pais quanto à importância do brincar no desenvolvimento infantil, pois além de possuir regras, as brincadeiras favorecem a socialização, a internalização de valores, papéis sociais, autoavaliação e autocontrole, possibilidade de resolução de conflitos e tensões, entre outros. (VIGOTSKY, 1991)

Tal dado também desvela a não percepção dos pais do esporte como brincadeira para as crianças.

Nas questões 6,7,e 8 buscou-se compreender a percepção dos pais sobre a influência de seus próprios comportamentos nas crianças frente ao esporte e se estes seriam geradores de ansiedade, ao que os pais compreendem a possibilidade de gerar ansiedade nas crianças e acreditam ser capazes de identificar e atuar nos problemas emocionais ocasionados pela ansiedade, como verificado na questão 9.

A inserção precoce das crianças na iniciação esportiva de competição pode ser prazerosa, quando vivida como meio de recreação e aprendizagem,

entretanto, pode ser experienciada com pressão e cobranças, sendo de suma importância o suporte familiar, através de atitudes, comportamento de apoio, segurança e incentivo ao desenvolvimento e aprendizagem, favorecendo a formação da autoestima e autonomia. (MILISTED, et al, 2014)

Entretanto, quando há suporte parental baseado em cobranças, violência verbal e moral (gritos e ofensas) ou uma postura omissa e desinteressada, os pais podem atuar como importante agentes estressores, gerando prejuízos emocionais importantes nas crianças. (LATORRE, 2001; VISSOCI, et al, 2013)

Na última questão, levantou-se o papel da escola e dos professores diretamente nas ações excessivas dos pais quanto à cobrança no esporte, sendo percebidas por estes como importante.

A escola é a segunda “casa” da criança, onde também aprenderá regras de convivência e o professor necessita ter habilidade para gerenciar tais situações, informando e auxiliando os pais na reflexão sobre seus atos e expectativas frente ao filho e como estes o afetam emocional, cognitiva e socialmente.

Nota-se que nas questões 4 e 5, e de 7 a 10 houve diferença quanto gênero, sendo o público feminino mais sensível à percepção do comportamento das crianças e dos pais.

Tal fato pode ser decorrente do papel de gênero da mulher, ainda atrelado ao cuidado e sensibilidade, sendo este viés possível de ser analisado em estudos posteriores.

É importante ressaltar que, sendo essa uma pesquisa através de questionário, onde os respondentes tinham plena consciência que a avaliação seria de suas próprias atitudes e pensamentos, os resultados podem não representar a expressão fiel do pensamento e atitude dos respondentes.

CONCLUSÃO

A iniciação esportiva, para a faixa etária determinada para a presente pesquisa, é uma excelente ferramenta para auxiliar os pais (e as crianças) no que tange fatores como sociabilidade, valores, responsabilidade,

desenvolvimento humano e motor, entre outros. O esporte, por ser dotado de regras e limitações, auxilia nessas questões.

O entendimento de que a criança nessa faixa etária necessita da utilização do lúdico para as aprendizagens é praticamente unânime, pois tudo que se aprende em forma de brincadeiras e através do movimento é muito mais significativo e prazeroso para ela e a iniciação esportiva não é diferente das outras aprendizagens. Porém, mesmo sabendo que é uma brincadeira, a criança se empenha e luta para a obtenção do melhor resultado possível: o que para os adultos é um simples jogo, ela encara com seriedade (da mesma forma como, por exemplo, o adulto encara o trabalho).

Para Wagner *et al* (2011), “embora os pais sejam os principais agentes do desenvolvimento humano, a relação com a escola e os profissionais que lidam com o sujeito nesse momento evolutivo, além dos fatores demográficos e contextuais, são elementos que também exercem influência sobre o seu desenvolvimento.” A escolinha de futsal ou o clube, e os professores/treinadores envolvidos nesse processo, da mesma forma, se enquadram nessa questão.

A cobrança exagerada ou de forma veemente na criança por resultados ou acertos nos fundamentos, posicionamentos ou até mesmo a marcação de gols, pode gerar desconforto nos mesmos, deixando cicatrizes, muitas vezes, para a vida toda.

Tais atitudes podem acarretar um nível de ansiedade nas crianças que fatalmente será prejudicial para seu desempenho, pois essa ansiedade vem acompanhada do medo, que pode ser o medo de errar ou de decepcionar aquelas figuras nas quais a criança mais deposita confiança e admiração: seus pais.

Destarte, pôde-se compreender que a iniciação esportiva pode ser altamente positiva, desde que os pais e os profissionais envolvidos no trabalho entendam que essas crianças, antes de serem grandes estrelas do futebol, precisam se divertir, sentindo-se felizes e tendo prazer com essa atividade.

É fato que, se o esporte não for conduzido de uma maneira em que, mesmo que a criança entre em competições, ela não se sinta tranquila e feliz na atividade, isso pode acarretar danos, não apenas no desenvolvimento motor,

mas também de ordem psíquica, afetiva e cognitiva. Desde pequenino, a proposta era a de “brincar de bola”; e agora que entrou no esporte para se divertir, é colocada uma carga sobre esse pequeno indivíduo que não era o que ele esperava.

Na maioria das vezes, inclusive, é esquecido que a criança precisa se divertir, sentir prazer na atividade que lhe está sendo proposta. O indivíduo nessa idade já possui “responsabilidades” como estudar, manter a própria higiene, se alimentar bem. Porém, no momento que essa criança vai para o que seria o divertimento, as cobranças por resultado e por acertos nas jogadas podem aparecer e fazer com que todo esse encanto pela modalidade esportiva que lhes foi dada desde o nascimento como brincadeira, seja visto por eles como mais uma obrigação.

O tema é amplo e longe de se esgotar, ao que sugerimos ampliar os estudos quanto às diferenças da influência de gênero parental, do desenvolvimento emocional das crianças na prática esportiva, bem como a percepção das crianças sobre este fenômeno, visto que tais temáticas não foram abarcadas no presente estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, J; DE ROSE JR, D. Situações de *Stress* na Natação Infanto-Juvenil: atitudes de técnicos e pais, ambiente competitivo e momentos que antecedem a competição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 14 (4) 2006.

CAVICHIOILLI, F.R. et al. O Processo de Formação do Atleta de Futsal e Futebol. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

DAMÁZIO, W. **A ansiedade no voleibol**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Biociências - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

FRISCHNECHT, P. A influência da ansiedade no desempenho do atleta e do treinador. **Treino Desportivo**. Lisboa: II série, n. 15, p.21-28, 1990.

GRÜNSPUN, H. (2003). *Conceitos sobre resiliência*. Disponível em <<http://www.cfm.org.br/revista/bio10v1/seccao4.1.htm>>. (Acessado em 28/08/2003).

HELLSTEDT, J. C. (1995). Invisible players: A family systems model. In S. M. Murphy (Org.), **Sport psychology interventions** (pp. 117-146). Champaign, IL: Human Kinetics

LATORRE, D. L. (2001). Influencia de la familia en el deporte escolar. **Lecturas: Educación Física y Deporte**, 7(40), 1.

MILISTED, Michel. Análise da Organização Competitiva de Crianças e Jovens: Adaptações Estruturais e funcionais. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2014;36(3):671-678.

VIANA, M. Competição, Ansiedade e Autoconfiança: implicações na preparação do jovem desportista para a competição. **Treino Desportivo**. Lisboa: II série, n. 13, p. 52-61, 1989.

VISCOTT, David Steven. *A Linguagem dos Sentimentos* (tradução de Luiz Roberto S. S. Malta). São Paulo: Summus, 1082.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig. et al. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 145-156, abr. 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 224 p.

WAGNER, Adriana. et al. **Desafios Psicossociais da Família Contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 208 p.; 23 cm.